

# **A GEOGRAFIA PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: O TRABALHO DE CAMPO COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA E EXPERIÊNCIA FORMATIVA**

**Alana Cerqueira de Oliveira Barros**

Universidade do Estado da Bahia / *Campus XI*  
Geografia, Diversas linguagens e Narrativas de professores – GEO(BIO)GRAFAR  
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES  
alanabarro04@hotmail.com

**Jussara Fraga Portugal**

Universidade do Estado da Bahia / *Campus XI*  
Geografia, Diversas linguagens e Narrativas de professores – GEO(BIO)GRAFAR  
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES  
jfragaportugal@yahoo.com.br

**Maristela Rocha Lima**

Universidade do Estado da Bahia / *Campus XI*  
Escola Municipal Leandro Gonçalves da Silva  
Geografia, Diversas linguagens e Narrativas de professores – GEO(BIO)GRAFAR  
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES  
stellarochoa.geo@gmail.com

**RESUMO:** O texto intenciona apresentar discussões teóricas sobre atividades práticas, especificamente sobre a aula de campo enquanto metodologia para trabalhar conteúdos didáticos da Geografia Escolar, desenvolvida com alunos da Escola Leandro Gonçalves da Silva, escola parceira do Programa Institucional de Bolsas de iniciação à Docência– PIBID – no contexto do subprojeto *Formação Docente e Geografia Escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico*, da Universidade do Estado da Bahia, *Campus XI*, localizada na cidade de Serrinha, no semiárido baiano. O objetivo é apresentar uma experiência formativa, decorrente da realização de uma prática pedagógica, cuja metodologia empreendida foi o trabalho de campo, tendo a abordagem de conceitos e temas da Geografia Escolar.

**Palavras- chave:** Trabalho de campo. Geografia Escolar. Experiência formativa

## **Diálogos iniciais**

Utilizar diferentes abordagens metodológicas como estratégias para o ensino de Geografia na Educação Básica é uma forma significativa de dinamizar e tornar os conteúdos ministrados pelos professores mais atrativos, contextualizados e significativos. Nesse sentido, o trabalho de campo para a Geografia é uma metodologia que permite visualizar a espacialização de elementos humanos e naturais de um determinado espaço, objetivando a compreensão dos aspectos que cercam tal realidade. Assim, o trabalho de campo se constitui como uma estratégia de ensino-aprendizagem que no âmbito do ensino de Geografia, pode ser capaz de consolidar uma aprendizagem mais contextualizada com a realidade vivida e com outros espaços geográficos externos

ao cotidiano dos alunos, ampliando novos olhares, vivenciando novas experiências e construindo novos conhecimentos. Portanto, o campo é “cenário de geração, problematização e crítica do conhecimento, onde o conflito entre o real e as ideias ocorre com toda a intensidade”. (COMPIANI; CARNEIRO, 1993, p.11)

Este texto traz no bojo de sua discussão a importância da metodologia do trabalho de campo para a construção do saber geográfico, partindo da socialização de atividades práticas desenvolvidas no componente de Geografia junto aos estudantes da turma de 7º ano da Escola Leandro Gonçalves da Silva<sup>1</sup>, localizada no Povoado de Amorosa, no município de Conceição do Coité<sup>2</sup>, no Território de Identidade do Sisal<sup>3</sup>, no semiárido da Bahia. Trata-se do relato sobre as atividades desenvolvidas a partir do trabalho de campo juntamente com a escola parceira do PIBID<sup>4</sup>, no âmbito das ações do subprojeto *Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico* (BATISTA; OLIVEIRA; PORTUGAL, 2013), as quais objetivaram refletir e socializar aprendizagens que contribuíssem para a (re)construção da identidade de alunos que moram em territórios rurais e estudam em escola rural.

---

<sup>1</sup> A Escola Leandro Gonçalves da Silva atende basicamente a alunos oriundos do campo. É uma escola núcleo, pois recebe alunos de várias outras localidades circunvizinhas. Canta Galo, Morro, Tabuleiro, Queimada do Félix são as principais comunidades de origem dos educandos. No ano de 2016, foram matriculados 130 alunos nas modalidades de ensino Educação Infantil e Ensino Fundamental do 5º ao 7º anos. No ano de 2013, a escola alcançou a nota de 3,4 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica–IDEB.

<sup>2</sup> Município brasileiro do estado da Bahia. Localizado na Mesorregião do Nordeste Baiano e na Microrregião de Serrinha. Em 2013 foi estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística uma população de 67.126 habitantes. Possui uma área de 1.086,224 km<sup>2</sup> limitando-se com Serrinha (ao sul), Retirolândia (ao norte), Araci (ao leste), Riachão do Jacuípe (ao oeste), Ichu (ao sudeste), e Santa Luz (a noroeste).

<sup>3</sup> O Território de Identidade do Sisal é composto pelos municípios de Araci, Biringinga, Barrocas, Candeal, Conceição do Coité, Cansação, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Nordestina, Quinjingue, Queimadas, Retirolândia, Santa Luz, São Domingos, Serrinha (a cidade polo), Teofilândia, Tucano e Valente, e compreende uma área de 20.454 km<sup>2</sup> (vinte mil, quatrocentos e cinquenta e quatro quilômetros quadrados), o equivalente a 3,6% (mais de três e meio por cento) do território baiano. Segundo os últimos dados do IBGE (2010), a sua população, de 582.331 (quinhentos e oitenta e dois mil, trezentos e trinta e um habitantes), corresponde a 4,15% (mais de quatro por cento) do total da população baiana, sendo que 57,20% (mais de cinquenta e sete por cento) dessa população residem nas áreas rurais.

<sup>4</sup> Programa que concede bolsas para estudantes de licenciatura, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, com os principais objetivos: 1) incentivar a formação de docentes em nível superior para a Educação Básica; 2) contribuir para a valorização do magistério; 3) elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e Educação Básica; 4) inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes, de caráter inovador e interdisciplinar, que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; 5) incentivar escolas públicas de Educação Básica, mobilizando seus professores como cofomadores dos futuros docentes e tornando-os protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e 6) contribuir para a articulação teórico-prática necessária à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

O referido subprojeto contempla oito ações, a saber: 1) *Parceria Universidade-Escola Básica*; 2) *Mapeamento da realidade escolar*; 3) *Espaços de Diálogos e Práticas*; 4) *Planejamento do trabalho pedagógico*; 5) *Tateio experimental*; 6) *Atelier Geográfico Temático*; 7) *Pibid itinerante* e 8) *Atividades de campo* as quais são desenvolvidas em 6 (seis) escolas – 3 (três) rurais e 3 (três) urbanas – de ensino fundamental e médio, de três municípios do Território de Identidade do Sisal: Conceição do Coité, Serrinha e Teofilândia e envolve 57 (cinquenta e sete) bolsistas, subdivididos em três grupos, a saber: 45 (quarenta e cinco) bolsistas de Iniciação à Docência – ID, 9 (nove) bolsistas de Supervisão e 3 (três) bolsistas responsáveis pela coordenação.

A ação intitulada *Atividade de campo* é compreendida, no âmbito do subprojeto, como uma estratégia metodológica e necessária no processo ensino-aprendizagem da Geografia, a qual favorece a abordagem de conceitos e temas da Geografia Escolar para além da sala de aula. Essa ação foi planejada visando aproximar a teoria à prática, através do desenvolvimento do olhar crítico-problematizador, sobretudo, no que concerne à abordagem de questões vinculadas aos espaços de vivência do aluno, a partir dos lugares da escola, seu entorno e os lugares da cidade, sede do município.

No decorrer do desenvolvimento da proposta do pequeno projeto intitulado *Minha história, minha vida: identidade cultural de sujeitos da roça*, o qual objetivou fazer uma abordagem sobre a construção da identidade de alunos que moram e estudam em contextos rurais e culminou na realização da atividade de campo. Neste contexto, foram desenvolvidas atividades e ações que proporcionaram, aos estudantes, refletirem sobre sua história de vida, sua condição de sujeito resiliente e o processo de valorização de sua história de vida, do lugar onde vivem e estudam – território rural – condição de trabalho da família, valores familiares e vivências culturais.

As reflexões do texto são resultados de inquietações, reflexões e resultados/construção de conhecimentos e da identidade de sujeitos que estudam e moram em contextos rurais. A metodologia de trabalho tendo como base a atividade de campo é de fundamental importância para o contexto e a experiência vivenciada a partir da visitação de espaços que fazem parte do cotidiano dos alunos (as comunidades onde moram os alunos, uma área desmatada, uma área de preservação da caatinga, um açude, etc.) para depois conhecer e explorar outros contextos. Neste trabalho, o espaço que se configurou como referência para além do cotidiano dos alunos foi a cidade Valente, sobretudo, os lugares denominados de Escola Família Agrícola (caracterizando uma

outra realidade de escola para os alunos); o Laticínio de Leite de Cabra (conhecendo o processo de beneficiamento do leite); a Fábrica de Artesanatos com a fibra do sisal (onde se conheceu algumas potencialidades e beneficiamentos da fibra do sisal); a dinâmica do centro comercial da cidade de Valente (onde se pode fazer uma análise comparativa com a cidade de Conceição do Coité, origem dos estudantes.

Os espaços visitados – Escola Família Agrícola, Laticínio e a Fábrica de Artesanato – fazem parte da Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira – APAEB. Esta associação tem como objetivo promover o desenvolvimento social e econômico do Território de Identidade do Sisal, a partir de ações de beneficiamento de produtos da agricultura familiar produzidos no município de Valente e em outros municípios circunvizinhos. A opção por visitar estes espaços foi objetivando conhecer como os produtos (leite, frutas, sisal, mel) produzidos por pequenas famílias rurais são beneficiados e passam a ser comercializados e consumidos pelos próprios moradores e em outras cidades baianas.

Este trabalho, além do conhecimento formativo para o contexto de sala de aula ele teve um caráter social e político, pois os alunos conheceram o contexto político na qual a APAEB foi criada, as lutas e conquistas desta associação no decorrer de sua existência (aproximadamente 40 anos) e as contribuições e apoio que esta associação tem dado ao pequeno agricultor e pecuarista do Território de Identidade do Sisal, contribuindo para a permanência das famílias no meio rural com a geração de renda para estas famílias.

### **Trabalho de campo: potencializador de (auto)formação**

A Geografia Escolar se configura como um importante componente curricular na Educação Básica, pois, é através dos conhecimentos sistematizados dessa ciência em articulação com outros componentes curriculares que o aluno pode desenvolver uma visão de mundo mais politizada, ao passo que a Geografia pode propiciar aos discentes um conjunto de competências e habilidades para que sejam capazes de entender um pouco mais da realidade que o cerca e principalmente, compreender que o espaço em que ele atua é resultado de relações sociais, políticas e econômicas.

A ciência geográfica tem como o cerne de estudos o espaço geográfico e as relações do homem com a natureza/sociedade, sendo assim, as observações *in loco* são importantes situações formativas para o trabalho do geógrafo educador, pois, possibilitam a observação dos fatos, fenômenos e processos geográficos que compõe o espaço e as vivências dos sujeitos. Ou seja, ela permite que o observador entre em

contato com o seu objeto de estudo e possa verificar, confirmar ou colher mais informações sobre determinado objeto de pesquisa.

Dentre as várias técnicas e metodologias que podem ser utilizadas no ensino em Geografia, Tomita considera que:

[...] o trabalho de campo, uma atividade de grande importância para a compreensão e leitura do espaço, possibilitando o estreitamento da relação entre a teoria e a prática. O alcance de um bom resultado parte de um planejamento criterioso, domínio de conteúdo e da técnica a ser aplicada. (TOMITA, 1999, p.13)

Desse modo, o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade teórico/metodológica de significativa importância para o ensino de Geografia, pois, "engloba a observação, a análise e a interpretação de fenômenos no local e nas condições onde eles ocorrem naturalmente". (NEVES, 2015, p.15)

As observações de fenômenos e processos *in loco* fazem parte da Geografia desde o início da sua sistematização como ciência, "[...] é uma atividade de pesquisa que acompanha a Geografia desde a sua constituição como Ciência Moderna. Na Geografia Clássica o método de estudo incluía a observação, a descrição e a explicação dos elementos naturais e humanos que compunham a paisagem de cada lugar". (AZAMBUJA, 2012, p.183), ou seja, desde os seus primórdios, o campo foi sendo muito utilizado como método investigativo por "[...] Alexander Von Humboldt, considerado um dos pais da Geografia [...] buscava coletar dados referentes a clima, vegetação, fauna, relevo, população, hidrografia, entre outros, buscando compreender a dinâmica do espaço geográfico [...]". (NEVES, 2015, p.15)

Nesse sentido, a busca pelo entendimento dos fenômenos, fatos e processos geográficos perpassa pela compreensão da totalidade, daí a importância dos conceitos trabalhados na Geografia – espaço, lugar, região, paisagem, território e sociedade – pois, estes auxiliam a mediar o conceitual com o real, assim o trabalho de campo oportuniza a construção de saberes geográficos muito mais articulados com a teoria e a prática, conseqüentemente o processo de ensino-aprendizagem torna-se muito mais enriquecedor, pois, os alunos conseguem ver a materialidade daquilo que estudaram na realidade tal qual como ela é.

Além disso, "[...] os conteúdos científicos são reconstruídos e (re)significados pelas vivências sócio históricas dos indivíduos" (AZAMBUJA, 2012, p.186), assim, tudo aquilo que é apreendido em sala de aula pode ser experienciado com a vivência *in loco*. As possibilidades são inúmeras, nessa perspectiva a mediação estabelecida pelo professor é primordial para oportunizar a construção do conhecimento. A atividade de

campo permite que um determinado conteúdo seja abordado/explorado em diferentes locais e realidades: o entorno da escola/cidade, seu bairro, sua cidade e outros contextos de vivências e realidades. Desse modo, os alunos vão percebendo o espaço e sua complexidade, pois, o mundo só pode ser entendido criticamente quando se entende minimamente as interações estabelecidas. Nesse sentido a aula em campo segundo Oliveira e Assis, possibilita:

[...] despertar os alunos da passividade, que o ensino-aprendizagem mais simplista tende a conduzir. Essa compreensão favorece o reconhecimento da aula em campo como instrumento de acesso ao binômio espaço/espacialidade, cujo movimento carrega, ao estudante, potenciais pedagógicos de facilitadores da elucidação do mundo pela Geografia. (OLIVEIRA; ASSIS, 2009. p. 198)

O trabalho de campo é uma estratégia metodológica que possibilita auxiliar na formação de sujeitos críticos e capacitados para "pensar e agir" num mundo contemporâneo baseado nas lógicas capitalistas de produção. Assim, cabe reafirmar a importância dessa metodologia que pode ser uma aliada no processo de construção de saberes geográficos mais dinâmicos, no que concerne às aprendizagens significativas e contextualizadas.

É neste contexto de reflexividade, ação, e construção de saberes que a atividade de campo se torna uma importante metodologia de trabalho no contexto educacional. Sobre esta questão, Scortegagna (2001) sinaliza que as atividades de campo “são fundamentais para colocar o estudante em contato com o meio e possibilitar sua percepção da inter-relação entre os aspectos físicos e humanos” (SCORTEGAGNA, 2001, p.17).

Segundo Portugal e Souza,

O principal objetivo do trabalho de campo, no âmbito da prática pedagógica no ensino da Geografia na Educação Básica, é oportunizar aos alunos apreender conceitos e temas da Ciência Geográfica, estabelecendo relação entre as situações experienciadas na sala de aula e as aprendizagens em campo, tendo em vista maior apreensão do conteúdo abordado. (PORTUGAL; SOUZA, 2013, p. 126)

Enquanto metodologia imprescindível na educação geográfica, o trabalho de campo, além de favorecer o ensino interdisciplinar de conteúdos e temas, possibilita o desenvolvimento de habilidades e competências, aprofunda os conteúdos desenvolvidos na sala de aula, e, também, aproxima os conhecimentos geográficos à realidade do estudante.

Trata-se, portanto, de uma estratégia metodológica primordial para os estudos geográficos, pois possibilita uma visão holística entre a combinação de elementos físicos e humanos no espaço, além de possibilitar a percepção/compreensão do espaço que está em constante movimento, é dinâmico e não estático, por isso a importância dessa visão integradora no campo da Geografia Escolar e não repassar conhecimentos fragmentados.

Ainda, segundo Portugal e Souza,

[...] o trabalho de campo é uma experiência didática e científica, indispensável para realizar práticas de ensino de diversas temáticas geográficas, mediante a observação direta do objeto investigado, problematizado em campo. (2013, p. 125)

A realização de trabalho de campo possibilita estabelecer a interligação entre a teoria na sala de aula e a realidade vivenciada no campo, *in loco*.

O trabalho de campo é uma atividade de extrema importância para a metodologia de ensino de Geografia porque oportuniza aos alunos aprendizagens geográficas mediante a observação direta e fazendo-os apreender a relação entre os elementos físico-naturais e as atividades humanas, além de outras questões que podem emergir no decorrer do trabalho.

### **Trabalho de campo: algumas considerações**

Ancoradas nas análises de Neves (2015), planejamos as etapas que se sucedem no trabalho de campo, a saber: a que antecede à saída de campo, denominada de "pré-campo" a realização da visita *in loco* "campo" e as atividades posteriores, as quais são denominadas de "pós-campo".

O "pré-campo" consiste no planejamento da atividade, que antecede o trabalho de campo. Uma atividade bem planejada vai impactar positivamente nas atividades que se sucedem, por isso deve haver muita cautela no planejamento e, também, na seleção de estratégias tendo em vista alcançar os objetivos delineados no planejamento da atividade proposta. Nessa etapa são elaborados os roteiros com informações sobre o percurso, os lugares que serão visitados e horários.

No contexto da atividade de campo desenvolvida com alunos do 7º ano da Escola Leandro Gonçalves na proposta do projeto “*Minha história, minha vida: identidade cultural de sujeitos da roça*” o pré-campo envolveu desde o agendamento dos locais de visitação, autorização dos pais e judicial (todos os alunos menores de 18 anos e pelo fato da atividade ser em outro município), orientações gerais sobre o roteiro

e os lugares selecionados para serem visitados, despesas com refeições, roteiro de observação, registros de anotações sobre cada lugar a ser visitado, orientações de segurança para todos (uso do cinto de segurança, não jogar nada pela janela do ônibus, evitar dispersão, manter-se sempre junto ao grupo, qualquer necessidade comunicar aos responsáveis e acompanhantes).

Corroborando com Neves (2015), o "campo" é o momento de desenvolvimento das atividades previstas, conforme o planejamento (primeira etapa), ou seja, trata-se da sua realização. Ao chegar ao local de estudo, o primeiro procedimento a ser contemplado trata-se da observação e o reconhecimento inicial do lugar. Nesta etapa, torna-se necessário a realização de anotações sobre o observado, registros fotográficos/imagéticos, outro complemento pode ser a aplicação de questionários ou realização de entrevistas.

Na atividade de campo realizada no dia 19 de agosto de 2015, seguiu-se um roteiro pré-estabelecido. A primeira visita foi à Escola Família Agrícola – EFA – localizada na comunidade de Valilândia/Valente. Na qual se conheceu o contexto de escola que atende apenas a alunos filhos de trabalhadores rurais e que tem uma dinâmica diferenciada: os alunos passam uma semana na escola frequentando aulas que compõem o eixo comum e tendo aulas de manejo do solo e criação de animais, ou seja, aprendendo a lidar com a terra e com a criação de animais adaptados ao contexto do Território do Sisal; e uma semana na comunidade de origem passando conhecimentos para a família e membros da comunidade. Nesta escola, tão importante quanto os conhecimentos do currículo educacional brasileiro é que os alunos rurais aprendam a valorizar sua identidade rural e aprendas técnicas e alternativas de trabalho que possam garantir produção, comercialização e fonte de renda, ou seja, trabalho, objetivando a permanência das famílias em seus contextos de origem, se assim desejarem.

A segunda visita foi o Clube Social da APAEB, espaço onde as famílias associadas têm acesso a momentos de lazer: show, piscinas, quadras, restaurante/bar/lanchonete. O terceiro momento foi a visita ao laticínio de leite de cabra, cuja matéria-prima do laticínio é comprada de pequenos agricultores que tiveram acesso a treinamento e financiamentos para produzirem animais – cabras – que produzam leite de qualidade para ser usado na produção de laticínios: iogurtes, queijos, leite pasteurizados, doces, etc. A quarta visita foi a fábrica de artesanato aonde tivemos a oportunidade de conhecer a fabricação de artesanatos (tapetes e objetos decorativos) produzidos a partir da industrialização da fibra do sisal. A matéria prima – a fibra do sisal – é comprada da produção de pequenos produtores do território do sisal. E por fim

tivemos a oportunidade de assistir um vídeo sobre a história de luta e conquistas da APAEB ao longo de sua história. Após o filme foi feito um momento de conversa, questionamentos e debates sobre a importância da APEB para o Território de Identidade do Sisal, especificamente para a consolidação da identidade rural dos sujeitos do Território.

O "pós-campo" compreende as observações, a leitura das imagens, as impressões e conhecimentos desenvolvidos durante a atividade. Fica a critério do professor qual avaliação deverá ser realizada, entretanto, vale destacar que as mais usuais são, a elaboração de um relatório analítico-reflexivo sobre o observado/experenciado, a realização de seminários temáticos, a construção de painéis com fotos/imagens e, também, a produção de portfólios reflexivos.

O pós-campo referente a nossa atividade foi baseada em reflexões e produções feitas no contexto de sala de aula: primeiro foi feito um momento de reflexão sobre as aprendizagens produzidas a partir das vivências na saída de campo; em seguida tudo foi esquematizado em cartazes e expostos nos corredores da escola. Foi feito também a elaboração de mapas mentais envolvendo todo o percurso – Escola Leandro Gonçalves da Silva/locais visitados em Valente. E finalizando foram elaborados textos reflexivos aonde os alunos expuseram suas aprendizagens ao longo da realização da atividade.

### **Considerações finais**

A intenção deste texto foi apresentar uma discussão sobre a potencialidade do trabalho de campo, como procedimento metodológico na percepção e compreensão dos conteúdos abordados em sala de aula, a partir das experiências formativas vivenciadas no âmbito do subprojeto *Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico*, realizadas a partir de atividades desenvolvidas no decorrer da III unidade no componente curricular de Geografia, cujo objetivo didático-pedagógico foi conhecer outros contextos para além do cotidiano dos alunos, porém, voltados para o contexto de vida rural dos mesmos, potencializando conhecer outras realidades e, assim, refletir sobre o processo de construção de identidade destes alunos que vivem e estudam em contextos rurais.

Compreendendo a importância do projeto “*Minha história, minha vida: identidade cultural de sujeitos da roça*” e a interlocução que o mesmo apresenta para o contexto de vida dos alunos do espaço rural e da Escola Leandro Gonçalves da Silva apresentando-se como uma proposta de trabalho de campo que contemplasse as

discussões e objetivos do projeto, essenciais para os alunos compreenderem e articularem diálogos e conhecimentos que foram construídos ao longo do projeto. Verificou-se, que o trabalho de campo foi também um estímulo para a percepção dos alunos como sujeitos capazes de valorizar o território rural, a sua cultura, os seus modos de vida e a sua relação com a cidade e, também, se perceberem como sujeitos importantes dentro de seu contexto de vida, pois a pretensão do projeto foi dar visibilidade essa valorização dos sujeitos que moram e estudam em contextos rurais.

O trabalho de campo, enquanto estratégia metodológica no ensino de Geografia, realizada num contexto rural, mediante a observação direta, favorece conhecer e analisar *in loco* elementos/fenômenos da natureza e a ação antrópica, a realidade dos povos rurais, seus modos de vida, trabalho, produção e renda, pois, o trabalho de campo é uma experiência didático-pedagógica e científica, indispensável para realizar práticas de ensino de diversas temáticas geográficas, mediante a observação direta do objeto investigado, problematizado em campo e, desse modo, oportuniza aos alunos aprendizagens geográficas, fazendo-os apreender a relação entre os elementos físico-naturais, econômico e social, a partir das atividades humanas, além de outras questões que podem emergir no devir do trabalho.

No conjunto das práticas que foram realizadas durante este trabalho de campo, foi possível pensar e refletir sobre algumas questões que emergem da realidade de vida e do espaço da escola de alunos rurais. Provocações como: Até que ponto escolas rurais desenvolvem práticas que valorizam e contribuem para a construção da identidade de alunos rurais? Como a sociedade concebe e acolhe os alunos oriundos dos contextos rurais? A ciência geográfica como uma potencializadora de formação de sujeitos críticos e reflexivos é trabalhada nas escolas rurais de forma a atender os objetivos propostos pela Geografia enquanto ciência do conhecimento? Questões como estas nos fazem refletir sobre a relevância da contextualização do ensino de Geografia, tendo em vista garantir as aprendizagens dos alunos. E, diante das propostas apresentadas neste artigo, refletirmos sobre a potencialidade da Geografia Escolar, importante componente curricular na Educação Básica.

## Referências

AZAMBUJA, Leonardo D. Trabalho de campo e ensino de Geografia. In: **Geosul**, Florianópolis, v. 27, n. 54, p 181-195, jul./dez. 2012. Link: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/21775230.2012v27n54p181/25442>

BATISTA, Marize Damiana Moura Batista; OLIVEIRA, Simone Santos de; PORTUGAL, Jussara Fraga. **Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência. Edital CAPES 061/2013. Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XI*, Serrinha-BA, 2013, 23 p. (Digitalizado).

COMPIANI M., CARNEIRO C. D. R. **Os papéis didáticos das excursões geológicas**. **Rev. de la Enseñanza de las Ciencias de la Tierra**, 1993.90-98. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/ECT/article/view/88098/140821> Acesso 06.08.2016.

NEVES, Karina Fernanda Travagim Viturino. **Os trabalhos de campo no ensino de Geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica**. Ilhéus: Editus, 2015.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.35, n.1, p.195-209, jan./abr. 2009. Link: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v35n1/a13v35n1.pdf>

PIBID: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

PORTUGAL, Jussara Fraga; SOUZA, Elizeu Clementino de. Ensino de Geografia e o mundo rural: diversas linguagens e proposições metodológicas. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. (Org.). **Temas da Geografia na escola básica**. Campinas/SP: Papirus, 2013, p. 95-134.

SCOTERGAGNA Adalberto. **Trabalhos de campo nas disciplinas de geologia introdutória: cursos de Geografia no Estado do Paraná**. Campinas, SP: UNICAMP, 2001. 122p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Geociências, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

TOMITA, Luzia M. Saito. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia. In: **Geografia: Revista do Departamento de Geociências**. Universidade Estadual de Londrina, v. 8 n. 1 p. 13-15, jan./jun. 1999.